

# Racha no PDT já é inevitável

LUIZ CARLOS  
MARANHÃO  
Correspondente

Rio — Descartada a possibilidade de entendimento entre o prefeito Saturnino Braga e o ex-governador Leonel Brizola, o PDT caminha para um "racha" inevitável. Ainda esta semana, o ex-senador, que ocupa o principal cargo executivo nas mãos dos pedetistas, vai declarar sua dissidência, atitude precipitada pelas últimas declarações de Brizola que o comparou ao ex-deputado Agnaldo Timóteo, expulso do partido como traidor.

Brizola adotou a estratégia de desgastar ao máximo a imagem do prefeito que, por sua vez, busca ganhar tempo no debate interno do PDT para atrair, no processo de cisão, o maior número possível de adeptos, aumentando o seu poder de barganha na negociação do seu futuro partidário, que se coloca entre o PSB e o PMDB — este último com menor chance, apesar dos esforços do deputado Ulysses Guimarães.

Saturnino ousou questionar a liderança incontestável de Brizola dentro do partido — numa atitude sem precedentes na vida do PDT. E mais: aproximou-se do Planalto, trata com generosidade o governador Moreira Franco e fez as pazes com o presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, um desafeito histórico de Brizola e do próprio ex-senador, que hoje, porém, ganha espaços no "Jornal Nacional".

O prefeito tem discordâncias de fundo com o ex-governador no campo da construção partidária — Brizola quer atrelá-la à sua candidatura ao Planalto, Saturnino insiste que o eixo político de fortalecimento de legenda tem que ser uma proposta política para o País.

O PDT fluminense (principal reduto de força do partido) transformou-se, nas últimas semanas, num amontoado de intrigas, boatos, onde a troca de insultos e acusações são frequentes, numa cena desastrosa para quem tinha a pretensão de se colocar como uma das forças principais de fustigamento da Nova República. Neste contexto, não faltam dissimulações e insinuações que

atingem principalmente Brizola e Saturnino, as duas principais lideranças do partido.

Brizola está convencido de que a ameaça de renúncia de Saturnino Braga, no último dia 6, foi um blefe articulado pelo seu secretário especial, Pedro Celso Uchoa.

Segundo Brizola, Saturnino adotou uma política de direita para enfrentar a asfixia econômica da administração municipal. Tentou extinguir o gatilho salarial para os servidores, demitiu três mil funcionários e fechou a Fábrica de Escolas, uma instituição que Brizola tinha transferido para a prefeitura, semanas antes de deixar o governo, justamente para evitar as hostilidades do governo peemedebista de Moreira Franco.

Acha o ex-governador, que a tentativa de extinguir o gatilho — o que foi conseguido por Moreira Franco em relação aos servidores estaduais — retirou momentaneamente uma das principais bandeiras do partido na sua postura de oposição à política salarial de arrocho do governo Sarney. E mais: respaldou Moreira nas medidas de achatamento salarial que o governador vem tomando em relação aos servidores.

Saturnino se defende. Explica que tentou extinguir o gatilho porque simplesmente não poderia pagá-lo. Lembra, ainda, as concessões que foi obrigado a fazer, em obediência a Brizola, no ano passado, para fortalecer a candidatura de Darcy Ribeiro, que acentuaram o aperto financeiro que a prefeitura enfrenta hoje.

O prefeito admite, hoje, mais à vontade, suas divergências de fundo com Brizola. Tem uma visão diversa do socialismo e de um partido que traga esta marca. Não diz para ninguém, mas já decidiu que não há mais espaços dentro do PDT para seu projeto. Articula no sentido de levar, no processo de cisão, uma ampla corrente de seguidores. Entre estes, pelo menos quatro parlamentares: os deputados constituintes Noel de Carvalho e Luiz Alfredo Salomão, o deputado estadual Luiz Henrique Lima e, possivelmente, o vereador Maurício Azedo, que hoje responde pela Secretaria de Promoção Social.